

Ana Maria Machado

Por Maria Juliana dos Reis e Silva*

A escritora Ana Maria Machado, membro da Academia Brasileira de Letras desde 2003, é autora de mais de cem livros infanto-juvenis, nove romances, oito ensaios literários e outras publicações. Seus livros foram traduzidos em mais de dezessete países, em diversas línguas. É detentora de importantes prêmios ao longo de sua trajetória, dentre os quais destacam-se o Hans Christian Andersen, em 2000, e o Machado de Assis, em 2001. Enquanto presidente da ABL, no período 2012-2013, priorizou os programas sociais de expansão do acesso ao livro e à leitura. Ainda em sua gestão, foi assinado o Acordo de Cooperação entre a ABL e o CREPAL-Sorbonne Nouvelle, para o estímulo ao estudo de obras dos Acadêmicos nessa universidade francesa. A escritora esteve em Paris, compondo a delegação da ABL por ocasião do Salão do Livro em março de 2015 e nos falou um pouco sobre sua trajetória como escritora de livros infanto-juvenis, como romancista e ainda sobre as influências literárias que perpassam sua obra.

* Doutoranda em literatura brasileira no Centre de recherches sur les pays lusophones da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3, dedica-se à pesquisa: “Carlos Heitor Cony : témoin de l’histoire”. Entrevistou Ana Maria Machado em 22 de março de 2015.

Maria Juliana dos Reis e Silva – Sua obra é amplamente reconhecida e muito diversificada, o que provoca uma curiosidade acerca das suas origens e influências literárias.

Ana Maria Machado – Minha origem é Monteiro Lobato. Foi o primeiro autor que li, ainda bem menina. Li e reli a vida inteira. Sempre tive conhecimento da tradição oral, meus avós e meus pais me contavam. Li contos de fadas, Mark Twain todo, todos os grandes romances de aventuras de Dumas, Zévacot. Eu adorava Stivens, *A ilha do tesouro*, que reli várias vezes. Isso quanto às leituras infantis. No colégio Aplicação, uma ótima escola pública, foram me introduzindo à literatura universal. Li tanto Fernando Pessoa quanto Drummond, assim como Camus, Eça de Queirós, que foram me marcando. Descobri Machado de Assis um pouco mais tarde, na primeira leitura, ainda adolescente, não me disse nada de especial. Voltei a ele depois. Mais tarde cursei Letras, quando havia letras neolatinas. Fiz literatura espanhola, hispano-americana, italiana, francesa. Tive uma visão bem geral, além da literatura brasileira e portuguesa.

E isso repercute em sua literatura?

Tudo. Eu leio sempre, leio muito. Por isso é muito difícil dizer uma influência, não é uma coisa direta. Leio muito da literatura inglesa, que gosto muito, por exemplo, mas não dá para dizer o que é que marca exatamente na minha literatura.

Pensando em todo o dialogismo que existe em sua obra – escritores diversos, os clássicos, pintores, a cultura de um modo geral – como você vê, justamente, a questão da intertextualidade?

É quase inevitável que toda obra de arte tenha esse elemento de dialogismo, de intertextualidade. Podem ser muito sutis, muito escondidos, inconscientes mas sempre existem. Acho que quando a gente começa a fazer alguma coisa, a criar alguma coisa, todo artista, todo criador sabe que ele está diante de uma tradição de séculos e que essa tradição está ali em pé na sua frente e ele tem que desafiá-la, romper com essa tradição e criar algo que converse com ela. Isso é inevitável, pode estar visível, consciente ou não.

Há diferenças entre esse dialogismo na literatura infantil e na literatura para adultos?

A única distinção é que são repertórios diferentes por parte dos leitores. A criança conhece menos coisas, mas conhece bastante. A gente pode confiar nisso. Mesmo quando eu não tinha a menor consciência de que estava fazendo isso, já fazia. Quando surgiu a questão da intertextualidade, percebi que já na minha primeira história – “Quenco o Pato”, publicada na *Revista Recreio*, na qual o patinho não queria entrar na água por ser molhada, e preferia ficar lendo a história do *Pedro e o Lobo* – eu já estava fazendo este diálogo com a tradição literária internacional, com Prokofiev ou Andersen. Estava ao alcance da criança que conhece *Pedro e o Lobo* ou poderia conhecer patinho feio. Em, *Dorotéia a centopeia*, ela machuca o pé, vem o médico que era o doutor Caracol, aluno do doutor Caramujo, um médico muito famoso, alusão ao doutor Caramujo do *Sítio do Pica-pau-amarelo*. Mesmo que a criança ainda não saiba, ao ler Monteiro Lobato, fará a ligação. Sempre fiz isso, era assim que contava histórias para os meus filhos. Tenho uma coleção de quatro livros em verso explorando as intertextualidades ao alcance de crianças muito pequenas e em *Cadê meu travesseiro*, criança pequenininha pergunta: “cadê meu travesseiro, onde foi que eu deixei, será que foi no tororó, por lá onde andei. Eu fui no tororó, será que eu deixei lá”. Sem a intertextualidade não existe literatura.

Você é uma referência na literatura infanto-juvenil mas você sempre conjugou uma literatura voltada ao público adulto. Fale-nos um pouco sobre esta produção e como se processa sua criação literária em ambas - infantil e adulta.

Eu tenho dez romances para adultos, nove já publicados. O décimo, que se chama *O mapa todo seu*, eu entreguei há um mês ao editor, vai sair ainda este ano pela Alfaguara. É inspirado na história de Joaquim Nabuco e de Eufrásia Teixeira Leite. É o décimo romance. Além disso, tenho oito livros de ensaios, basicamente de crítica literária e política – políticas culturais. Eu escrevo para adultos desde sempre, meu primeiro livro foi para adultos. Eu não passei de ano e passei de um público para outro. Eu fui sempre fazendo paralelamente. A partir

da minha tese sobre Guimarães Rosa (*Recado do Nome*, 1976, 2013), continuei escrevendo sempre. Minha criação literária é espontânea, eu vou tendo ideias, eu escrevo. Sou muito disciplinada. Então eu procuro ter método, escrever todo dia. Às vezes quando vou começar, estou sem saber o que é, escrevo um parágrafo... uma coisa... deixo aquela anotação para outro dia... e outra vez eu a pego. Então ela vai tomando forma para uma coisa ou outra. Este ano eu vou lançar um novo infantil que se chama *De noite no bosque*, pela Ática. Eu fiz, mais ou menos, enquanto estava trabalhando nesse do Nabuco, que levou muito tempo. Levei cinco anos entre pesquisar, refazer, desmanchar, fazer de novo, cortar capítulo. O tipo de trabalho é diferente. No momento eu estou com dois novos recém concluídos. Não estou com projeto imediato, estou numa fase de ciscar. Fico assim, escrevo dois parágrafos um dia, no outro faço um artigo... Quer dizer, continuo escrevendo, mas não estou com um seguimento de alguma coisa. De repente algo vai me tomar, me chamar e aí eu sigo.

Na sua obra temos elementos históricos, políticos, culturais, sociais, antropológicos – você aborda uma infinidades de temas que na verdade são questões universais. Dentro desta perspectiva, qual é o papel da literatura na sociedade, a que serve a literatura.

Como toda arte, a literatura propõe a criação de um mundo alternativo, porque este aqui só não basta, então precisa de outro que seja possível ou aterrador, ou sonhado. Um outro que se apresente como alguma forma de alternativa e, no caso da literatura, se faz isso por meio da palavra, da linguagem. Então, antes de tudo, a linguagem serve para expressar isso. Acho que a linguagem é o ponto crucial. Trabalhar a linguagem de modo a expressar a possibilidade de criação desse outro mundo, desses outros mundos, é o papel da literatura. E ser fiel a cada autor, a cada criador. No meu caso, me preocupo com todas essas coisas. O que faço tem que refletir isso, não tem como não refletir porque seria infiel a mim. Mas cada autor é diferente, essas coisas acontecem não por uma decisão prévia. Às vezes há autores que têm uma decisão prévia e pode funcionar. Mas é mais verdadeiro quando não há uma decisão prévia, quando a obra não é intencional, que ele passa porque é a visão de mundo dele.

Dentro do contexto atual do Brasil, como vê a questão do acesso à literatura?

Penso que o acesso à literatura no Brasil é infinitamente melhor do que quando eu era criança. Antigamente tínhamos acesso a muitos livros, mas apenas um grupo muito reduzido da população que tivesse numa família que lesse. Podia nem ser economicamente privilegiada mas que lesse, e era o caso da minha família. O meu avô por parte de pai era um imigrante português que foi adulto para o Brasil em busca de novas oportunidades e com muita dificuldade de vida. Mas na “baga-zinha” dele, que era pouca coisa, ele levou dois livros e um deles era uma gramática latina. Ele tinha estudado quando garoto e deixou essa gramática para mim quando morreu, eu a tenho até hoje. Isto demonstra um cenário de valorização do livro de uma maneira extraordinária. E por parte de mãe, meu avô vinha de uma família de colhedores de café numa fazenda no norte de Espírito Santo, substituindo os escravos quando estes foram emancipados. Era muito pobre mas estudou na escolinha local, depois mandaram-no para a cidadezinha próxima para continuar os estudos em troca de trabalho doméstico. Ele tinha muita facilidade para matemática e entrou para a escola politécnica do Rio, tornando-se engenheiro. Ele sempre leu e sempre trocávamos ideias sobre os livros. Tenho cartas dele recomendando leituras ou comentando leituras minhas. Ele me fez ler os grandes pensadores do Brasil – Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, enfim. Eu era adolescente ainda e ele me fazia ler isso, me cobrava. Então o que quero dizer é que vim de uma família que valorizava extremamente o livro, mesmo sem tê-los. Minha mãe trabalhou em uma biblioteca e isso possibilitava trazer livros para casa. Mas isso não era comum. Hoje, no Brasil, as crianças têm acesso a livros em todas as escolas. Todas as escolas, nos últimos vinte anos, têm sala de leitura com literatura infantil boa e atualizada. Têm livros novos que recebem todo ano para repor os outros e para acrescentar. Então a questão não é mais a de acesso, a questão é muito mais a formação do professor. Porque o professor não viveu, em geral, essa situação. No tempo em que o professor estudou, as escolas não tinham livros, as famílias não tinham livros e por isso o professor não se sente à vontade para lidar com esses livros. Ele é um pouco intimidado por esse universo. Claro que eu estou

falando de um modo geral, tem exceções absolutamente maravilhosas às quais o Brasil deve muito. Mas a questão é que a formação do magistério não está atenta a isso e não está valorizando a possibilidade de dar oportunidade aos professores de em sua formação continuada lidarem com literatura. Então, em suma é isso: as crianças leem, os adolescentes deixam de ler, os adultos não leem mais.

Enquanto você esteve na presidência da ABL, um de seus projetos era fomentar a aproximação com a cultura através das políticas de leitura.

Exatamente, fizemos especialmente no Rio, porque a sede da Academia é no Rio. Fizemos um convênio com a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro em que eles abrem, equipam, reformam prédios, põem computadores em bibliotecas comunitárias, bibliotecas populares. E nós fizemos na Academia cursos junto com a Fundação do Livro Infantil e Juvenil para a formação de técnicos em biblioteca que pudessem tomar conta dessas salas de leitura, supervisionados por um bibliotecário profissional mas sem a necessidade dele estar ali o tempo todo. Em geral esses técnicos em biblioteca eram professores de escolas locais ou moradores das comunidades. E a Federação das Indústrias paga o salário deles. Nós formamos 98 técnicos em biblioteca, dois cursos de seis meses cada um e eles estão trabalhando.

O que representa para a literatura brasileira a presença do Brasil, pela segunda vez, como convidado de honra no Salão do Livro e, a seu ver, quais as medidas necessárias para que a nossa literatura seja cada vez mais respeitada e valorizada no cenário internacional?

Essa é uma questão muito complexa e difícil de generalizar e responder com honestidade sem que pareça que há críticas ou sem ferir melindres, susceptibilidades, etc. Representa uma oportunidade de que a mídia tome conhecimento de que o Brasil não é só samba, carnaval, mulher na praia quase sem roupa, caipirinha e capoeira. Para se descobrir que vai além disso, precisamos reiteradamente mostrar que tem outras coisas. Eu vim ao Salão do Livro em 1998 que foi dedicado ao Brasil, foi muito bem feito, muito bem organizado, com muita coisa. Então, eu sei que essas coisas marcam um momento mas rapidamente daqui a 15 dias, quando acabar esse salão, acabar esse momento

de falar tanto em livro, ninguém vai falar mais em livro brasileiro. Vão começar a falar no país que vai ser homenageado no próximo. Esta travessia de uma cultura para outro espaço não pode ser feita por soluções a cada vinte anos. Ao mesmo tempo, aparecendo a oportunidade, temos que fazer. Acho que exige uma política de continuidade. Neste sentido, na política de continuidade há dois grandes aspectos: um é quando o país como um todo tem uma presença no exterior. E isto o Brasil não tem. O Brasil pode midiaticamente ter tido momentos de evidência, por exemplo, quando Fernando Henrique foi eleito por causa do prestígio intelectual dele, todo mundo se admirou, foi um momento muito positivo. Ou quando o Lula foi eleito, por causa da história e da trajetória fantástica dele, do conto de fadas que ele é – nasceu o patinho feio e descobriu que era um cisne maravilhoso. Então isso fez com que houvesse momentos mas episódicos. Pode não ser um solução mas são coisas mais superficiais que devem ser sustentadas por um trabalho de formiguinha. Para mim esse trabalho de formiguinha no campo do livro teria duas linhas. Uma delas o Brasil desenvolveu muito bem, trata-se da política de traduções. Foi criado pela Biblioteca Nacional no governo Fernando Henrique um programa de traduções que funcionou muito bem mas era muito limitado porque eram poucas [traduções] por ano. E no governo Lula os responsáveis souberam continuar isso, ainda que dando a impressão de que tinha sido criado por eles. Mas aumentar... Enfim, aumentou a quantidade de bolsas de tradução e se manteve. Isso é fundamental e aumentou enormemente a possibilidade de que autores brasileiros sejam traduzidos e publicados no exterior. Ao mesmo tempo, existe um outro elemento que o Brasil desenvolvia antes e que se interrompeu justamente neste momento – o apoio a que as universidades estrangeiras estudassem nossos autores. Então, antes havia leitorados brasileiros em quase todas as universidades que estudavam português. Esse número diminuiu enormemente. Hoje em dia há muito poucos leitorados e fica no Brasil um jogo de empurra: o Ministério da Educação diz que é com o Ministério da Cultura, o da Cultura diz que é com Relações Exteriores, o das Relações Exteriores diz que é com a Educação e ninguém assume isso. Então o fato de que não se estude literatura brasileira no exterior e as cadeiras de Português estudem a literatura portuguesa mas não

a brasileira (o Instituto Camões é poderosíssimo, presente, mas do Brasil não há nada), isso faz com que nós façamos um esforço enorme de divulgação, de tradução, de entrevista de todo mundo e que tudo morra aí porque ninguém estuda depois e assim não se sustenta. Existem esses dois aspectos, um muito positivo que está funcionando e outro desastrosamente negativo. Eles brigam entre si.

O acordo de cooperação que existe com o Centre de recherches sur les pays lusophones, da Sorbonne Nouvelle vem nesta direção?

Sim, quando estava na presidência da ABL fiz acordos com várias universidades. Na Inglaterra, nos Estados Unidos, na França, na Espanha (Salamanca), Portugal, por exemplo. Acordos que permanecem, mas a ABL não faz parte do governo e nós não trabalhamos para a literatura brasileira em geral, mas para difundir as obras dos acadêmicos. Esta iniciativa é uma gota d'água. Nós estamos dando continuidade, procurando fazer publicações que sedimentem o trabalho feito para que fique um registro. Mas quem tem que fazer isso é o governo, porque o Brasil é muito maior e a literatura brasileira é muito maior do que quarenta escritores membros da Academia Brasileira de Letras.

No campo das traduções, como é a relação entre o escritor, o editor e a tradução no contexto da divulgação internacional?

Não existe uma resposta geral. Primeiro, há uma grande divisão entre se a obra está sendo traduzida para um língua que a gente conhece ou não. Eu não tenho a menor noção do que foi feito com os meus livros traduzidos para turco, mandarim, coreano, sérvio. Não há possibilidade. Nas traduções para línguas que também varia. Há editores que fazem questão de ter a última palavra ou ter a única palavra. Nem mostram ao escritor, autor da versão original que estão fazendo. E há outros que trabalham muito em conjunto. Então, vamos admitir a situação ideal em que se faz consulta, se trabalha em conjunto. No caso com a França, por exemplo, foi assim. Tanto nos livros infantis como nos adultos. Foram traduções ótimas que eu gostei muito e nas quais os tradutores puderam me consultar, se sentiram muito à vontade para me consultar, discutir questões, levantar dúvidas. Acho que a tradução ficou muito boa, são traduções que eu gosto.